



O Jethro Tull vai mesclar clássicos e novidades em shows no Rio, diz Ian Anderson. (Página 5)



As idéias de Paulo Ribeiro para a TVE

Página 7

Epopeia na cidade perdida

HÁ 14 anos, a antropóloga carioca Maria Beltrão, responsável pelo setor de Arqueologia do departamento de Antropologia do Museu Nacional, pesquisa os sítios arqueológicos da Chapada da Diamantina, na Bahia. Esse trabalho lhe rendeu, ao longo desse tempo, descobertas que desafiam a teoria de pesquisadores americanos de que a presença do homem nas Américas não passa de 12 mil anos. Maria encontrou um dos mais antigos sítios arqueológicos da América, a Toca da Esperança, que foi ocupado há, pelo menos, 300 mil anos. A antropóloga, de 61 anos, constatou ainda a complexidade dos conhecimentos astronômicos do homem pré-histórico brasileiro, irradiados pelas Américas. "Levantei 60 mitos de grupos brasileiros e reconheci nas pinturas a representação de uma epopeia migratória dos Tukanos, que dominaram o país há 40 mil anos", revela.

CELINA CORTES

Para complementar a pesquisa, Maria Beltrão e o professor de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Francisco Antonio Dória, 50 anos, estudaram o documento 512, de 1753, da Biblioteca Nacional, escrito por um bandeirante e que narra uma hipotética cidade perdida, chave da civilização nas Américas, em plena Bahia. Por coincidência, o documento, traduzido pelo pesquisador inglês Richard Burton (1821-1890), é o mesmo que levou o famoso coronel inglês Percy Harrison Fawcett a fazer uma expedição ao Brasil, em 1925, em busca deste Eldorado. No mesmo ano, Fawcett desapareceu, aos 58 anos, no Mato Grosso. Assim, o que seria apenas uma pesquisa arqueológica acabou desembocando, também, na epopeia de Fawcett.

Para Francisco Dória, o coronel era um homem corajoso mas ingênuo e, não se sabe por que, preferiu desconsiderar as pistas que o documento 512 dava sobre a Bahia — indicando a direção para lendárias minas de prata —, e preferiu se embrenhar pelo Mato Grosso. O autor do documento foi João da Silva Guimarães, bandeirante que andou pela Bahia e registrou descrições como esta: "Afastado da povoação, tiro de canhão, está um edifício como casa de campo de 250 passos de frente, pelo qual se entra por um grande pórtico e se sobe por uma escada de pedra de várias cores, dando-se logo numa grande sala, e depois desta em 15 casas pequenas, todas com portas para a dita sala". A descrição, segundo Dória, coincide com a paisagem de altiplano da Chapada da Diamantina, cuja geologia sugere pórticos, torres e muralhas.

Estas pesquisas e a decodificação do documento que levou Fawcett à morte fazem parte de um livro de arte, *Viagem ao paraíso*, que será lançado pelos dois autores até o fim do ano, pela Editora Revan. Na primeira parte, Maria dissecou sua experiência na Chapada, com ilustrações de pinturas rupestres. Maria também deu subsídios a Dória na decodificação do documento de 1753 sobre a cidade perdida. "Não eram descrições falsas, mas podiam se referir a sítios arqueológicos amontoados", especula. Francisco Dória acredita ainda que Fawcett foi vítima de uma brincadeira de dois amigos, Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, e de Raيدر-Haggard (*As minas do rei Salomão*), que lhe deram uma estatueta com inscrições cheias de símbolos — "talvez mandada esculpir pelos dois", que só fez confundir sua busca.

Na segunda parte do livro, Dória vai fazer uma espécie de tratamento romancado da região da Chapada da Diamantina, onde até hoje os moradores falam na lenda das minas de prata nunca encontradas. A aventura de Fawcett, patrocinada por jornais ingleses e instituições científicas, começou em 4 de março de 1925 em Cuiabá, com seu filho Jack, e teria terminado entre os índios Kui-kuros. Parte de seus relatos de viagens pelo Brasil estão em cartas inéditas (*leia ao lado trecho de uma*) enviadas ao amigo egiptólogo russo Alberto Childe —, que catalogou a coleção de peças egípcias do Museu Nacional — e doadas a Maria Beltrão pela família de Childe.

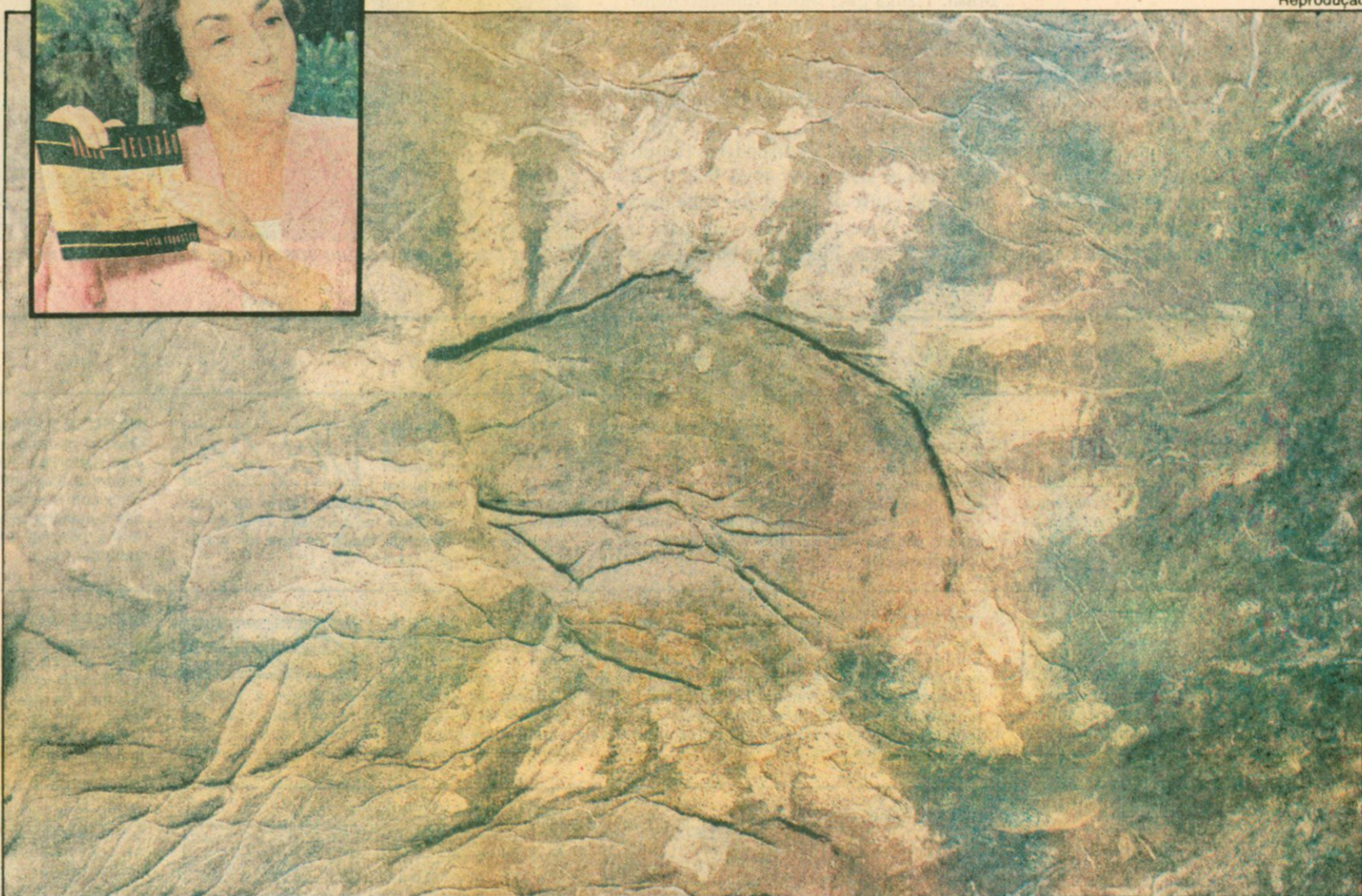
A revolucionária tese de que o homem chegou na América há 300 mil anos causou indignação, há alguns anos, na comunidade científica, especialmente a americana. Mas a descoberta já está publicada na Academia de Ciências da França e do Brasil, e é acatada em outros oito países, segundo Maria Beltrão. Se esta já foi uma revolução, a arqueóloga ficou igualmente entusiasmada ao encontrar vestígios do homem pré-histórico brasileiro no sítio arqueológico da Chapada da Diamantina que revelam um grau de conhecimento maior do que os dos índios encontrados pelos europeus no Brasil, em 1500. A partir da interpretação dos desenhos, Maria chegou a uma explicação sobre o domínio da civilização Tukana. "Quando eles descrevem a linha do Equador, significa que vieram de outro lugar. Seus vestígios foram encontrados em todo o Brasil, até mesmo na Bolívia", assegura. Mas a existência dos Tukanos — cujos remanescentes vivem aculturados no Pico da Neblina — não é uma novidade. A novidade está no fato de Maria ter conseguido reconstruir a epopeia que esse povo fez pelo país.



Fabrizia Granatieri

Antropóloga reúne em livro material sobre povo que habitou o Brasil há 40 mil anos e que inspirou expedição inglesa em 1925

Reprodução



A lua em um dos desenhos rupestres encontrados na região estudada por Maria Beltrão (detalhe), que refaz a trajetória dos Tukanos

Trechos da carta

"Cuyaba, Mato Grosso, 10.8.20

Querido amigo

Estou enviando esta carta para contar dos problemas que tive até chegar a este lugar, no dia 2 de setembro. Queria também agradecer a você por ter-nos visto quando passamos pelo Rio. (...) Nós chegamos a Cuyaba depois de uma interessante viagem, dentro de péssimas condições de engenharia, através do Rio Paraguai. De Bauru para cá, vimos vilas miseráveis e muitas fazendas de gado, semelhantes às que existem na Argentina e no Paraguai.

Na Bolívia, vimos que, com exceção dos proprietários, todas as pessoas que moram perto de duas destilarias de cana são tratadas como escravas. Os proprietários mantêm a classe operária ali dentro das piores condições de vida. (...) Em Corumbá, existe o melhor cine-teatro que já vi no Brasil, embora ache que, de forma geral, o estado do Mato Grosso ainda é uma região selvagem.

Cuyaba é um lugar muito depressivo, quente demais (38 graus ontem) e seus habitantes são mais negros que os de outras partes do Brasil, provavelmente um reflexo do período da escravidão ligado



"Chegamos a Cuyaba depois de uma interessante viagem, dentro de péssimas condições"

Percy Fawcett

ao ciclo do ouro. (...) O governador Carmo é considerado o melhor que o estado já teve.

(...) Rondon tem falado como se fosse o próximo governador. Ele está muito ligado a esta parte do mundo, mas ele não me parece ser particularmente popular como candidato. Mas, apesar da proteção dada por ele aos índios, estes estão quase todos mortos pela cachaça e pela sífilis, sobretudo os que se aproximaram amigavelmente das estações de telégrafo que Rondon espalhou na selva. Em vários lugares, existem relatos de selvageria contra os índios praticadas pelos funcionários desses postos. Os índios merecem melhor tratamento.

(...) Enviei mensagem ao embaixador em Corumbá, mas ele me disse que o governo brasileiro é incapaz e não dispõe de recursos administrativos para proteger os índios. (...) Espero estar, ainda no dia 22 deste mês, chegando à Chapada e depois passando para a Floresta Amazônica através do Xingu. (...) Mr. Brown está muito doente, mas, apesar dos problemas, acho que está resistindo bem. Nos assusta que um homem forte como ele tenha caído doente tão rapidamente, com uma fe-

bre altíssima. Temo que, mesmo com o tratamento, ele tenha algum colapso no cérebro quando enfrentar a experiência na selva, que acredito será muito real.

(...) Já contratei um caboclo da região para preparar os nossos pacotes de mantimentos e equipamentos, de maneira que possamos carregá-los até as cabeceiras do Xingu. (...) Soube que os índios têm matado os seringueiros lá, mas estes provavelmente mereceram tal sorte. Mme. Bishop me disse que uma tribo até agora desconhecida andou passando por aquela parte de Mato Grosso há pouco tempo atrás. Mas não há descrição de como são esses índios (...). Espero estar de volta ao Rio de Janeiro no final de 1921, se for bem-sucedido como acredito que serei.

Será necessário preparar uma outra expedição, provavelmente para começar em julho ou agosto de 1922, com umas 10 ou 12 pessoas. (...) Ainda tenho alguns recursos na conta no Bank of Canadá para as despesas. (...) Mande minhas lembranças para os amigos do Museu (...).

Sinceramente
 P.H.Fawcett

Programa para quem gosta de moleza.

Hoje tem Feirinha Zona Sul nas lojas Visc. de Pirajá, 25 e 118, Francisco Sá, 35 Rainha Elizabeth, 325, N. S. Copacabana, 1369 e Américas, km 16.

FEIRINHA

Zona Sul

Tudo pra você gostar da gente.